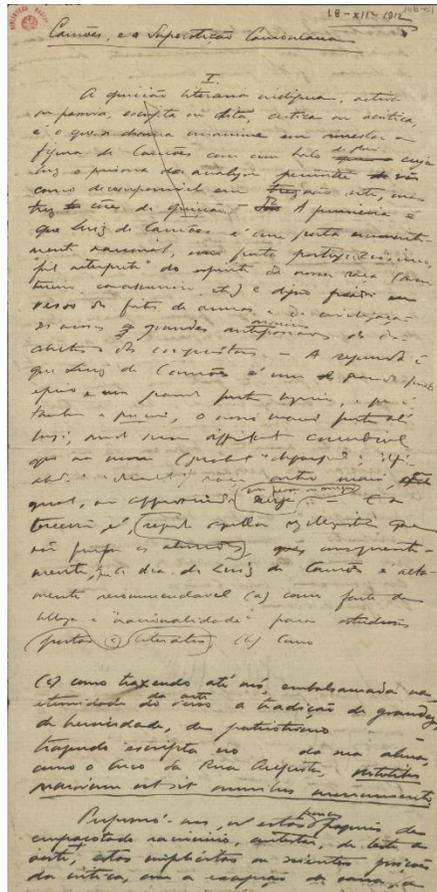


BNP/E3, 14B - 51^r



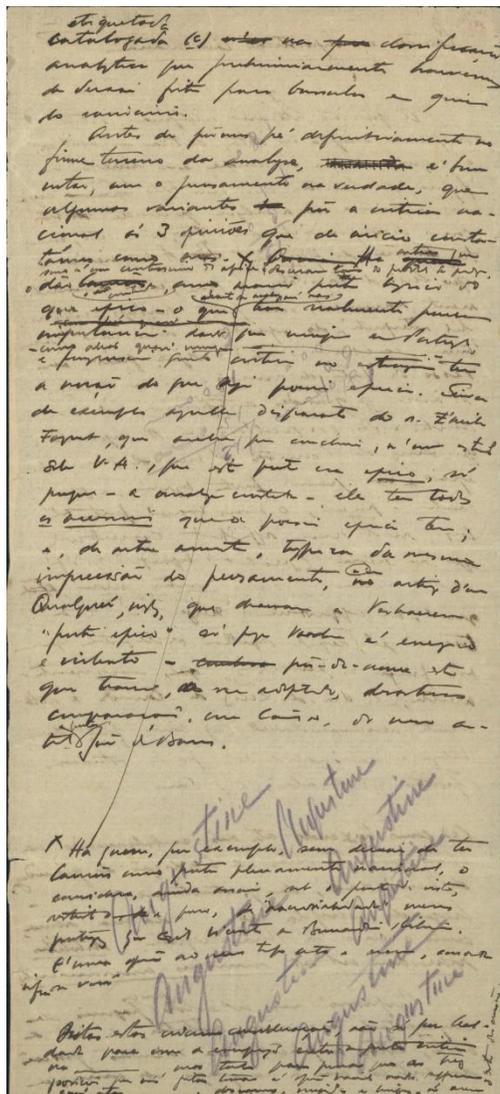
Transcrição

Camões, e a Superstição Camoneana.

I.

A opinião literaria indigna, activa ou passiva, escripta ou dita, critica ou acritica, é o que se chama unanime em aureolar a figura de Camões com um halo de ~~que~~ gloria cuja luz o prisma da analyse permite ~~de~~ vêr como decomponivel em ~~tres~~ não sete, mas trez ~~de~~ côres de |opinião|. - São A primeira é que Luiz de Camões é um poeta conscientemente nacional, um poeta portuguezissimo, "fiel interprete" do espirito da nossa raça (aventureiro, cavalheiroso, etc.) e digno fixador em verso dos feitos de armas e de civilização dos nossos ~~e~~ grandes antepassados ^(maiores) das descobertas e das conquistas. - A segunda é que Luiz de Camões é um ~~dos~~ grande poeta epico e um grande poeta lyrico, e que é tambem e |por isso|, o nosso maior poeta até hoje; sendo mesmo difficilmente concebivel que na nossa (geralmente "depauperada", "definhada" "decadente") raça outro maior, ~~igual~~ ou equal, ou aproximado surja /ouse pensar em surgir/. - E a terceira é, |segundo aquella vox elegiastica que não poupa os absurdos|, ~~que~~ consequentemente, que a obra de Luiz de Camões é altamente recomendavel (a) como fonte de belleza e "nacionalidade" para estudiosos literatos e poetas, (b) como {...} (c) como trazendo até nós, embalsamada na eternidade do verso /da arte/ a tradição de grandeza, de heroicidade, de patriotismo {...} - trazendo escripta no {...} da sua alma, como o Arco da Rua Augusta, Virtutibus Maiorum ut sit omnibus monumento.

Propomo'-nos n'estas poucas paginas de |empacotado| raciocinio, contestar, de leste a oeste, estas implicitas ou scientes posições da critica, com a excepção da nossa, a



catalogada /etiquetada\ (c) n'os na pre classificação
analytica que preliminarmente houvermos de deixar
feita para bussola e guia do raciocinio.

Antes de pôrmos pé definitivamente no firme
terreno da analyse, manda é bom notar, com o
pensamento na verdade, que algumas variantes ~~ha~~ põe a
critica nacional ás 3 opiniões que de inicio
constatámos como suas. Ha quem, por exemplo, sem
deixar de ter Camões como poeta plenamente nacional,
o considera, ainda assim, sob o ponto de vista,
restricto, ~~da~~ e puro, da "nacionalidade" menos
portuguez que Gil Vicente ou Bernardim Ribeiro. É uma
opinião ao mesmo tempo certa e erronea, consoante
infra se verá (...). Assim Ha quem outros que sem n'um
centesimo de apice /o\ desceram Camões do pedestal da
grandeza, o dão Camões, comtudo, como maior poeta
lyrico do que epico - o que adiante se analysará mas
tem naturalmente pouca importancia ~~como aliás quasi~~
dado que ninguem em Portugal, e pouquissima gente
critica no estrangeiro /- como alias quasi ninguem -\ tem a
noção do que seja poesia epica. Sirva de exemplo
aquelle disparate do sr. Émile Faguet, que acaba por
concluir, n'um estudo sobre Victor Hugo, que este
poeta era epico, só porque - a analyse constata -
elle tem todos os accessorios que a poesia epica tem;
e, de outra amostra, typica da mesma imprecisão do
pensamento, ~~no~~ n'um artigo d'um Qualqué, inglez, que
chamara a Verhaeren "poeta epico" só porque Verhaeren
é energico e violento - pôr-de-nome este que traria,
de ser adoptado, desastrosas comparações, com Camões,
do nosso actual e poeta João de Barros.

Feitas estas circum considerações, não só por
lealdade para com a excepção entre a gente critica no
{...}, mas também para provar que as trez posições por
nós feitas tomar á opinião nacional nada soffrem com
estas {...}, desçamos, ungidos e limpos, á arena d'esta
discussão.

Augustine Augustine
Augustine
Augustine Augustine
Augustine Augustine
Augustine
Augustine

11 118-62

Para vermos o qual e o quantum de nacionalidade
que a decencia logica pode conceder ao nosso grande poeta, ~~urge~~ importa retrogradar até onde se possa
ter ponto axiomatico, partindo, n'esse recuo logico, do ~~que~~ termo nacionalidade. O que é
um poeta nacional - eis o problema primeiro. Quantos generos e modos de poetas nacionais
ha? - eis o problema que se segue. Ha grãos e valores relativos n'estes generos, qua /a\
/no que\
generos, e se os ha quaes são, e porque o são - eis o ~~o~~ problema final.

Um poeta nacional, evidentemente, é um poeta que interpreta e traduz a alma da
nação a que pertence manifestando-a como tal em opposição a tal e tal outra. Mas ha alma
de nação? essa alma pode-se traduzir para arte? e como se pode traduzir? Que haja uma
alma nacional é axioma, e quasi que não axioma, da sociologia. Porque a propria noção
/idéa\
de nação, a propria existencia de uma nação pressupõe uma homogeneidade, e ~~Porque~~
essa homogeneidade psychica (seja ella interpretada como tendo origem na raça, no clima
ou em qualquér causa-base) constitue a alma nacional, base de um sentimento colectivo.
Porque, mesmo que uma nação se constituísse como uma sociedade commercial, para
interesse dos |constituíntes|, ainda assim esse interesse comum implicaria uma base
psychica, dado que uma ~~sociedade~~ nação se não constitue por acto de vontade e contracto
assignado no notario, como uma sociedade commercial, mas pede phenomenos de inconsciente
aprovação das suas cellulas-individuais /componentes-individuaes\
Mesmo no caso de nações
manifestamente heterogeneas, ou essa heterogeneidade é de mutuo consenso das soberanias
competentes, causada por exemplo por |passageiras| ou duvidosas causas politicas, e,
n'esse caso, a creada comunidade de interesses cria uma comunidade de {...}, o que
redunda na força artificial de uma nação, mas de uma nação, e a commum alma artificial
que artificial prova por excepção, a regra; ou essa ~~na~~ nação heterogenea o é por dominio
de uma parte {...}

Podemos pois partir, minimamente axiomando, d'esta |constatação| que ha almas
nacionais. Passemos a vêr se uma alma nacional se pode traduzir por /interpretar na\
arte. Ora
a arte, em sua origem, é ou ~~collective~~ um phenomeno colectivo, ou um phenomeno
individual. Se é um phenomeno colectivo, vem directamente da alma nacional, e
interpreta-a portanto, valendo tão caracteristicamente como os costumes, as festas, os
vestuarios. Por ser

Para vermos o qual e o quantum de nacionalidade portuguesa que a decencia
logica pode conceder ao nosso grande poeta, ~~urge~~ importa retrogradar até onde se possa
ter ponto axiomatico, partindo, n'esse recuo logico, do ~~que~~ termo nacionalidade. O que é
um poeta nacional - eis o problema primeiro. Quantos generos e modos de poetas nacionais
ha? - eis o problema que se segue. Ha grãos e valores relativos n'estes generos, qua /a\
/no que\
generos, e se os ha quaes são, e porque o são - eis o ~~o~~ problema final.

Um poeta nacional, evidentemente, é um poeta que interpreta e traduz a alma da
nação a que pertence manifestando-a como tal em opposição a tal e tal outra. Mas ha alma
de nação? essa alma pode-se traduzir para arte? e como se pode traduzir? Que haja uma
alma nacional é axioma, e quasi que não axioma, da sociologia. Porque a propria noção
/idéa\
de nação, a propria existencia de uma nação pressupõe uma homogeneidade, e ~~Porque~~
essa homogeneidade psychica (seja ella interpretada como tendo origem na raça, no clima
ou em qualquér causa-base) constitue a alma nacional, base de um sentimento colectivo.
Porque, mesmo que uma nação se constituísse como uma sociedade commercial, para
interesse dos |constituíntes|, ainda assim esse interesse comum implicaria uma base
psychica, dado que uma ~~sociedade~~ nação se não constitue por acto de vontade e contracto
assignado no notario, como uma sociedade commercial, mas pede phenomenos de inconsciente
aprovação das suas cellulas-individuais /componentes-individuaes\
Mesmo no caso de nações
manifestamente heterogeneas, ou essa heterogeneidade é de mutuo consenso das soberanias
competentes, causada por exemplo por |passageiras| ou duvidosas causas politicas, e,
n'esse caso, a creada comunidade de interesses cria uma comunidade de {...}, o que
redunda na força artificial de uma nação, mas de uma nação, e a commum alma artificial
que artificial prova por excepção, a regra; ou essa ~~na~~ nação heterogenea o é por dominio
de uma parte {...}

Podemos pois partir, minimamente axiomando, d'esta |constatação| que ha almas
nacionais. Passemos a vêr se uma alma nacional se pode traduzir por /interpretar na\
arte. Ora
a arte, em sua origem, é ou ~~collective~~ um phenomeno colectivo, ou um phenomeno
individual. Se é um phenomeno colectivo, vem directamente da alma nacional, e
interpreta-a portanto, valendo tão caracteristicamente como os costumes, as festas, os
vestuarios. Por ser

BNP/E3, 14B - 52v

arte é individual, o individuo artistico tem um temperamento, d'onde, trahindo-o em
essencia e {...}, a sua arte brota; ora esse temperamento deve-o o artista, primeiro á
hereditariedade, segundo a influencia do meio. A hereditariedade grava na sua alma o
espírito da sua raça, através de gerações n'um meio reforçadamente o mesmo; e o meio -
como, a não ser por excepção, vive no meio onde nasceu ou, em meio alheio, entre gente
vinda do meio onde nasceu - intensifica, no caso, mesmo, de viver em meio diverso, ou
esse meio apenas altera e modifica apenas a periphéria da sua alma, e n'esse caso alma
continua (Quando o arbusto se fossilisa fica sendo pedra, não arbusto.) sendo,
pessoalmente essencialmente, nacional, ou lhe subverte completamente (rarissimo, senão
impossivel phenomeno) o temperamento todo - e n'esse caso o individuo passa a pertencer
á outra nacionalidade.

Como se pode amostrar em arte a alma nacional? Visto que realmente,
constatadamente, em arte se pode amostrar, é segundo o que é a arte que ella se pode
amostrar. Assim, n'um assumpto d'arte em tanto quantos sejam os elementos n'uma obra
d'arte discriminaveis, em tantos se pode amostrar a alma nacional. Ora os elementos
constitutivos da obra de arte são tres - o assumpto, o modo como o assumpto é concebido,
e a fórma que essa concepção |re|veste. / [como essa concepção é conciliada, isto é, a fórma exterior da obra de
arte]. Por assumpto entende-se o assumpto-em-si, e por assumpto-em-si entende-se o
assumpto considerado artisticamente como o assumpto artistico. O assumpto do ~~Rei Lear~~,
por exemplo, não é um rei Antony and Cleopatra não é, por exemplo, um texto de historia
romana, mas um caso de amor. O assumpto da *Madame Bovary* não é a vida de provincia, como
o subtítulo malindica; mas o caso de uma alma padecendo da doença romantica.

Transcrição

arte é individual, o individuo artistico tem um temperamento, d'onde, trahindo-o em
essencia e {...}, a sua arte brota; ora esse temperamento deve-o o artista, primeiro á
hereditariedade, segundo a influencia do meio. A hereditariedade grava na sua alma o
espírito da sua raça, através de gerações n'um meio reforçadamente o mesmo; e o meio -
como, a não ser por excepção, vive no meio onde nasceu ou, em meio alheio, entre gente
vinda do meio onde nasceu - intensifica, no caso, mesmo, de viver em meio diverso, ou
esse meio apenas altera e modifica apenas a periphéria da sua alma, e n'esse caso alma
continua (Quando o arbusto se fossilisa fica sendo pedra, não arbusto.) sendo,
pessoalmente essencialmente, nacional, ou lhe subverte completamente (rarissimo, senão
impossivel phenomeno) o temperamento todo - e n'esse caso o individuo passa a pertencer
á outra nacionalidade.

Como se pode amostrar em arte a alma nacional? Visto que realmente,
constatadamente, em arte se pode amostrar, é segundo o que é a arte que ella se pode
amostrar. Assim, n'um assumpto d'arte em tanto quantos sejam os elementos n'uma obra
d'arte discriminaveis, em tantos se pode amostrar a alma nacional. Ora os elementos
constitutivos da obra de arte são tres - o assumpto, o modo como o assumpto é concebido,
e a fórma que essa concepção |re|veste. / [como essa concepção é conciliada, isto é, a fórma exterior da obra de
arte]. Por assumpto entende-se o assumpto-em-si, e por assumpto-em-si entende-se o
assumpto considerado artisticamente como o assumpto artistico. O assumpto do ~~Rei Lear~~,
por exemplo, não é um rei Antony and Cleopatra não é, por exemplo, um texto de historia
romana, mas um caso de amor. O assumpto da *Madame Bovary* não é a vida de provincia, como
o subtítulo malindica; mas o caso de uma alma padecendo da doença romantica.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).